

# Tradução e pesquisa: o uso de questionário bilíngue para o mapeamento da usabilidade e preferência de janelas de libras na comunidade surda

Vinícius Nascimento<sup>a</sup>

Rodrigo Vecchio Fornari<sup>b</sup>

Rimar Ramalho Segala<sup>c</sup>

## Resumo

*Este artigo apresenta o processo de elaboração, tradução e validação de um questionário bilíngue para avaliação da usabilidade das janelas de Libras por surdos no contexto brasileiro. O questionário foi elaborado e traduzido em equipe, considerando aspectos tradutórios e técnicos de edição audiovisual, e adotou, como base teórico-metodológica, concepções advindas da perspectiva bakhtiniana e suas contribuições para o estudo da verbo-visualidade e da tradução e interpretação intermodal. Após elaborado, o questionário foi submetido à validação de surdos falantes de Libras, e a versão final teve circulação nacional nas redes sociais, e-mails e grupos virtuais com ampla participação de surdos.*

**Palavras-chave:** *tradução audiovisual; Libras; questionário bilíngue; mapeamento; acessibilidade.*

Recebido em: 18/02/2019

Aceito em: 04/06/2019

<sup>a</sup> Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa. E-mail: nascimento\_v@ufscar.br.

<sup>b</sup> Mestrando em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: rodrigofornari@ufscar.br.

<sup>c</sup> Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa. E-mail: rimar@ufscar.br.

## Introdução

Neste artigo, apresenta-se o processo de elaboração, tradução e validação de um questionário bilíngue para o mapeamento da usabilidade de *janelas de Libras* pela comunidade surda. As *janelas de Libras* são espaços destinados à veiculação da tradução e/ou interpretação da língua de sinais em produções que envolvem mídias audiovisuais, a fim de promover o acesso da população surda aos conteúdos nelas exibidos (NASCIMENTO, 2011; NAVES, et al. 2016; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019). Alguns pesquisadores denominam esse espaço como *legenda de língua de sinais* (ALBRES, 2010; SILVA, 2015) aproximando-o às propostas de legendagem recorrentes no campo da tradução audiovisual (doravante TAv). Todavia, aqui, recorreremos ao uso da expressão *janelas de Libras* por ser a terminologia empregada na legislação brasileira e por não haver, ainda, um consenso entre os pesquisadores brasileiros sobre a designação adequada a ser utilizada para referência à atuação de tradutores e de intérpretes em contextos audiovisuais (NASCIMENTO, 2014, 2011, 2017; ARAÚJO; ALVES, 2017; SPOLIDORIO, 2017; NASCIMENTO, NOGUEIRA, 2019). Além disso, as diferenças de modalidade implicadas nesse tipo de tradução demandam mais estudos e pesquisas que confirmem a similaridade de tal recurso com as tradicionais legendas que exibem textos escritos.

A elaboração do questionário aqui descrito compõe uma das etapas da pesquisa intitulada “*Tradução de Libras em materiais audiovisuais: usabilidade de janelas e sincronia verbo-visual no processo tradutório*”<sup>1</sup>, realizada no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS)<sup>2</sup> da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A pesquisa tem como objetivo mapear, na comunidade surda, a usabilidade das janelas propostas por documentos orientacionais técnicos e oficiais, como a NBR 15.290/05 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e o *Guia de Produções Audiovisuais Acessíveis* (doravante *Guia*) do Ministério das Comunicações (NAVES, et al., 2016), e pelo recente mercado das produções audiovisuais acessíveis.

O acesso de surdos a materiais audiovisuais por meio da tradução audiovisual acessível (TAvA), assim como a outros contextos sociais, vem sendo pauta de discussão no cenário social e legislativo desde o início dos anos 2000, com

<sup>1</sup> Pesquisa coordenada pelo primeiro autor e realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por meio da modalidade Auxílio Regular à Pesquisa (Processo 2017/21970-9).

<sup>2</sup> Mais informações sobre o LATRAVILIS podem ser acessadas em: [http://www.tilsp.ufscar.br/laboratorios\\_latravilis.html](http://www.tilsp.ufscar.br/laboratorios_latravilis.html)

a promulgação da Lei 10.098, chamada Lei de Acessibilidade. Os documentos legais posteriores, como a Lei 10.436/02 e seu Decreto regulamentador, 5.626/05, foram cruciais para que o acesso dos surdos à produção cultural audiovisual nacional começasse a se materializar e se expandir. Depois dessa legislação, alguns documentos importantes, que contribuíram com essa expansão, foram publicados como, por exemplo, a NBR 15.290/05 – *acessibilidade em comunicação na televisão* – da ABNT que apresentou diretrizes gerais a serem observadas para a acessibilidade. Segundo esta norma, uma programação é considerada acessível quando há a presença dos três principais recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência sensorial: (i) a audiodescrição, (ii) a legenda oculta e (iii) a janela de Libras. Segundo Torres e Mazzoni (2007, p. 77), a oferta simultânea desses três recursos constitui o *princípio da redundância*, que “estabelece que informação acessível é aquela que pode ser captada de forma multissensorial” por todos os presentes no local de exibição independente de sua condição.

Sobre a janela de Libras, a NBR 15.290 (ABNT) faz orientações sobre a captação do tradutor/intérprete e a edição da janela em produções audiovisuais, mas não discute nem debate as questões ligadas aos processos tradutórios e interpretativos (NASCIMENTO, 2011, 2017; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019).

No ano de 2006, o Ministério das Comunicações publicou a Portaria 310, que aprovou a Norma Complementar nº 1/2006, que retomou os três recursos de acessibilidade descritos na NBR 15.290/05 (ABNT), mas com ênfase na obrigatoriedade da oferta dos três simultaneamente, ou seja, a partir do princípio da redundância. Essa portaria acrescentou elementos às disposições relativas ao serviço de radiodifusão de sons e imagens e ao serviço de retransmissão de televisão para que a programação transmitida ou retransmitida seja acessível para pessoas com deficiência sensorial.

A Portaria do Ministério das Comunicações foi importante porque deu um passo adiante, no que diz respeito ao direito de as pessoas com deficiência acessarem a cultura audiovisual, porque determinou que é o telespectador que deve acionar o recurso necessário por meio de diferentes canais, promovendo, então, acessibilidade em toda a programação. Porém, é possível encontrar alguns equívocos neste documento. A janela de

Libras, por exemplo, é apontada como um recurso obrigatório apenas em propagandas político-partidárias excluindo, com isso, o direito dos surdos em relação às outras produções culturais audiovisuais.

Todavia, a Lei N. 13.146/15, que instituiu o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), mudou o cenário quanto à presença da tradução e da interpretação de Libras exibidas por meio de janelas ao tornar este recurso obrigatório em produções audiovisuais exibidas em rede nacional. No 67º artigo, por exemplo, a lei determina que “os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I – subtítuloção por meio de legenda oculta; II – janela com intérprete de Libras; III – audiodescrição” (BRASIL, 2015, p. 37). No item III do 76º artigo do capítulo IV, a Lei determina que é responsabilidade do poder público promover essa participação garantindo que “[...] os pronunciamentos oficiais, a propaganda eleitoral obrigatória e os debates transmitidos pelas emissoras de televisão possuam, pelo menos, os recursos elencados no art. 67 desta Lei” (BRASIL, 2015, p. 39).

No ano seguinte, a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) emitiu a Instrução Normativa (I.N). nº. 128/2016 com normas e critérios básicos de acessibilidade visual e auditiva a serem observados nos segmentos de produção, distribuição e exibição cinematográfica. Nesse mesmo ano, a Secretaria do Audiovisual do Ministério das Comunicações lançou o *Guia para produções audiovisuais acessíveis* (NAVES et al. 2016), que apresenta diretrizes de aplicação para os três recursos de acessibilidade apontados na Portaria de 2006 e na NBR 15.290 (ABNT), os quais formam o já citado *princípio da redundância*. O *Guia* faz diferenciação das produções, no que diz respeito à tradução e interpretação audiovisual de Libras, promovidas entre a esfera cinematográfica e a televisiva. Para a primeira, o material apresenta uma proposta de edição de janela de Libras por meio da técnica *Picture-in-Picture* (PIP), que separa, em espaços distintos, a produção audiovisual e a tradução. Segundo o material, a proposta tem por objetivo “garantir a visibilidade da tradução em língua de sinais e não comprometer a visualização da produção audiovisual” (NAVES et al. 2016, p. 33). Quanto à segunda esfera, o *Guia* orienta respeitar as medidas apresentadas pela NBR 15290/05.

Segundo Nascimento e Nogueira (2019), essas medidas tiveram efeito direto em dois âmbitos de produção e consumo da tradução audiovisual: (i) *no âmbito político*, observado nas eleições municipais para prefeito e vereadores de 2016 e de presidente, governadores, deputados e senadores em 2018, quando as redes televisivas, os partidos políticos e os candidatos em todo o Brasil tiveram de se adaptar – e se submeter – à nova realidade estabelecida pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, inserindo janelas de Libras nas campanhas político-partidárias e nos debates públicos entre candidatos em todos os canais de TV aberta; e (ii) *no âmbito cinematográfico*, pois surgiu a necessidade de o mercado de produções audiovisuais nacionais, especialmente as que possuem fomento público, gerar acessibilidade comunicacional para pessoas com limitações sensoriais auditivas e visuais.

Para Nascimento (2017, p. 462) a emergência da presença da tradução e interpretação para surdos em produções audiovisuais tem gerado “[...] uma diversidade de formatos, tipos, cores, tamanhos e recortes de janelas de Libras”. Embora a ABNT possua uma norma orientadora para a inserção da janela publicada e disponível, não há ampla adesão por parte de produtores e editores. A proposta do *Guia* também encontra resistência para se consolidar, uma vez que há indicação de deslocamento do enquadramento total da tela e um isolamento da janela de Libras impactando diretamente a forma de exibição da obra e da tradução. Esses aspectos resultam em uma ampla variedade de propostas de janelas para circulação e exibição das traduções em língua de sinais nas produções midiáticas acessíveis.

Nesse cenário, constata-se uma assimetria na criação e avaliação das propostas que têm sido adotadas em produções audiovisuais com tradução de língua de sinais para surdos. Do ponto de vista técnico, há orientações e normas de órgãos como a ABNT e o Ministério das Comunicações. Por outro lado, há uma regulação e resistência do mercado audiovisual em considerar tais propostas oficiais. Todavia, há ausência de um terceiro polo nessa discussão: o dos usuários, isto é, os surdos, como consumidores desse novo momento de circulação da cultura audiovisual brasileira, que pouco têm opinado sobre as formas de produção e circulação dessas janelas.

Algumas – poucas – iniciativas de mapeamento da circulação da tradução, da interpretação e da janela de Libras entre os surdos têm sido realizadas a fim de averiguar a avaliação desse público. Destacam-se o estudo de Novaes (2018), que avaliou as variáveis do posicionamento da janela da tela e tamanho do vídeo-fonte por meio da aplicação de um questionário com surdos e ouvintes e, também, a pesquisa de Cardoso, Nogueira e Zardo (2017), que analisaram, com base em um teste de recepção com surdos gaúchos, opiniões sobre a tradução de produtos audiovisuais em três diferentes formatos e o posicionamento do intérprete de língua de sinais.

A pesquisa aqui retratada difere das supracitadas por ser de abrangência nacional e, também, porque propõe que as janelas sejam analisadas apenas por pessoas surdas. Neste estudo, as janelas de Libras são inseridas, com diferentes tamanhos, formatos e texturas, em três diferentes produções audiovisuais. Este artigo, portanto, objetiva apresentar o processo de elaboração, tradução e validação do *questionário virtual bilíngue* utilizado para coleta de dados neste estudo. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar (CEP/UFSCar – CAAE: 89468318.5.0000.5504) conforme preconiza a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde e a Resolução nº 001 do Conselho de Pesquisa (CoPq) da UFSCar, de 18 de agosto de 2015.

### **Questionários, verbo-visualidade e intermodalidade tradutória**

Neste trabalho, adotou-se como instrumento de coleta de dados o *questionário*, que consiste em uma “[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, [...] etc.” (GIL, 2008, p. 121). Segundo Gil (2008, p. 122), o questionário apresenta benefícios em pesquisas dessa natureza porque

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio [ou aplicado pela internet];

- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

No contexto brasileiro, especialmente no campo da saúde, os questionários utilizados em pesquisas quantitativas são, geralmente, traduzidos de outras línguas e demandam um intenso processo de tradução e adaptação linguístico-cultural. Deliza, Rosenthal e Costa (2003) salientam que a falta de um instrumento de pesquisa na língua desejada acena para o desenvolvimento de dispositivos no próprio idioma ou para a utilização dos existentes após as devidas traduções e validações. Os autores destacam que, no caso da segunda possibilidade, “um processo de adaptação cultural e posterior avaliação da validade da nova versão são requeridos antes que o instrumento possa ser recomendado para ser usado em culturas diferentes daquela para a qual foi originalmente desenvolvida” (ROSENTHAL; COSTA, 2003, p. 44).

Segundo Hilton e Skrutkowski (2002), a recorrência do uso de questionários traduzidos é uma alternativa prática por considerar elementos construídos, padronizados e testados no âmbito de uma outra comunidade cultural. Os autores, entretanto, alertam para o cuidado de se considerar o sentido da escala original para evitar a tradução palavra por palavra e garantir, assim, uma avaliação dentro dos critérios estabelecidos no instrumento fonte.

Weeks, Swerissen e Belfrage (2007, p. 155) salientam, no entanto, que independentemente do método escolhido para traduzir os instrumentos de estudo, a qualidade da tradução é altamente dependente e influenciada pelo(s) tradutor(es) envolvido(s) no processo. Por isso, os autores recomendam que

especialistas e intérpretes devem incluir intérpretes profissionais, leigos que sejam monolíngues e representativos das populações estudadas, pessoas que sejam bilíngues com a língua fonte como sua primeira língua, e pessoas que sejam

bilíngues com a língua meta como sua primeira língua (WEEKS; SWERISSEN; BELFRAGE, 2007 p. 155)<sup>3</sup>.

Na pesquisa aqui relatada, lida-se diretamente com a percepção de falantes de uma língua, na posição de interlocutores, sobre formas de exibição e veiculação de sua língua em produções audiovisuais. Por ser um estudo de amplitude nacional não realizado anteriormente, decidiu-se por elaborar, traduzir e validar o questionário para mapear a relação de surdos com as *janelas de Libras*. O instrumento, todavia, envolveu diferentes materialidades semióticas – verbais, não-verbais e verbo-visuais – demandando, com isso, reflexões de cunho teórico-metodológico para fundamentar todo o processo de construção. Para isso, adotou-se a (i) *perspectiva bakhtiniana*<sup>4</sup> de análise de materiais semiótico-ideológicos e suas contribuições para o estudo da *verbo-visualidade* e (ii) da *tradução e interpretação intermodal* como base conceitual em toda a pesquisa.

Na perspectiva bakhtiniana, o signo é compreendido como material resultante de um consenso “[...] entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109). Como toda interação é promovida a partir de signos compartilhados por sujeitos sociais e históricos, as suas formas estão condicionadas pela organização social dos sujeitos envolvidos nesse processo e pelas condições concretas em que ela acontece, implicando, assim, atribuição de valores e ideologias ao signo. Partindo desse pressuposto, Volóchinov (2017, p. 93) debate a dimensão semiótico-ideológica dos signos afirmando que eles não são parte da realidade somente, mas, também, refletem e refratam uma outra realidade “[...] sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”. Para Volochínov (2017, p. 93, grifo do autor) “onde há signo há também ideologia. *Tudo que é ideológico possui significação sgnica*”.

Nesse prisma, caso seja alvo de investigação, todo e qualquer signo deve ser observado em sua concretude (contexto, horizonte social, hierarquia etc.), considerando a participação ativa do locutor e do interlocutor no ininterrupto processo de construção de sentidos e de valores. A linguagem, como instância de inscrição do sujeito, apresenta essa dimensão.

<sup>3</sup> Na Fonte: “*Experts and interpreters should include professional interpreters, laypeople who are monolingual and representative of the populations being studied, people who are bilingual with the source language as their first language, and people who are bilingual with the target language as their first language*”.

<sup>4</sup> As expressões pensamento bakhtiniano, perspectiva bakhtiniana, princípios bakhtinianos e perspectiva dialógica correspondem à maneira como Mikhail M. Bakhtin em diálogo com outros intelectuais russos no início do século XX, em especial Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev, conceberam a linguagem no âmbito da cultura, da literatura, da estética, das artes e da comunicação (BRAIT, 2013; NASCIMENTO, 2018). Esse grupo de intelectuais é comumente conhecido como Círculo de Bakhtin e “era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais [...]” (FARACO, 2009, p. 13).



Volochínov (2017) discute, especificamente, a palavra/enunciado como uma das possibilidades de construção sógnica e ideológica dos sujeitos e destaca que “toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 117). A palavra, enquanto enunciado concreto, apresenta uma dupla orientação – a material, linguística, e a contextual, extralinguística – e é dependente das condições reais de uso, envolvendo desde a dimensão intersubjetiva dos participantes da situação de comunicação até a materialidade semiótico-ideológica mobilizada no ato enunciativo.

Os enunciados são organizados por similaridade, originando aquilo que Bakhtin denomina de *gêneros do discurso*. Para o Círculo, do mesmo modo que ninguém fala no/para o “vazio”, nenhum enunciado é dito de qualquer forma porque ele é sempre concreto e fundado, sobretudo, nas relações interlocutivas que, por sua vez, moldam o projeto enunciativo-discursivo do locutor. Nesse sentido, os gêneros organizam os diferentes modos de dizer. Bakhtin (2016, p. 12) se propõe a caracterizar os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que se organizam em diferentes esferas da atividade humana, os quais, por sua vez, são indissociáveis do uso da linguagem (BRAIT, 2002).

Os gêneros não podem ser definidos por suas relações lógicas, abstratas e sistêmicas, mas pelas *relações dialógicas* (BAKHTIN, 2013), que consideram a ação do falante em todas as suas dimensões. O enunciado, para Bakhtin (2013, p. 228), é prenhe de relações dialógicas porque é mobilizado por sujeitos de linguagem e é concreto por “[...] pertencer simultaneamente a diversas variedades e inclusive tipos”. Essas *relações* fazem com que os *gêneros* se dividam em, basicamente, dois grandes grupos: gêneros primários, simples, ligados às esferas de interação cotidiana, e gêneros secundários, mais complexos, deslocados da realidade concreta diária para uma maior elaboração e permanência no tempo histórico da cultura.

Os gêneros, tanto primários como secundários, também se organizam, mas com base nas chamadas *esferas*, que constituem para eles uma espécie de “abrigo”, pois todo gênero está relacionado a tipos específicos de atividade. O que há, então, é uma “[...] impossibilidade de desvincular linguagem/atividades humanas, seja qual for a especificidade da atividade humana e a dimensão da linguagem aí envolvida [...]” (BRAIT, 2002, p. 31).

Essas concepções impactam diretamente o estudo da língua e da linguagem por terem como base fundadora o conceito de interlocução que corresponde a sujeitos sociais e históricos, contextos imediatos e a dimensão semiótico-ideológica, sendo essa última não apenas de ordem linguística, mas de toda e qualquer produção simbólica produzida pelo humano. Entre essas produções, destaca-se a *dimensão verbo-visual da linguagem* que corresponde a uma

[...] enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual. Essa unidade significativa, essa enunciação, esse enunciado concreto, por sua vez, estará constituído a partir de determinada esfera ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção (BRAIT, 2010, p. 194).

Os estudos produzidos por Brait (2010, 2013, entre outros) sobre a dimensão verbo-visual da linguagem têm contribuído direta e significativamente com as pesquisas sobre discurso de maneira geral. A autora, que vem defendendo com/em suas pesquisas que a obra de Bakhtin e o Círculo oferece “contribuições para uma *teoria da linguagem em geral* e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita” (BRAIT, 2013, p. 44), aborda a totalidade da dimensão verbo-visual como um enunciado concreto e, com isso, permite a proposição de categorias para descrição, análise e leitura de diferentes *corpora* que são constituídos dessa totalidade. A dimensão verbo-visual da linguagem materializa-se em diferentes esferas da atividade, tecendo e constituindo diferentes gêneros do discurso. Esse plano de expressão atravessa discursos publicitários, midiáticos, religiosos, institucionais, políticos etc. A imagem e a palavra compõem, em alguns gêneros, uma unidade indissolúvel de sentido que, caso separadas, perdem seu efeito enunciativo-discursivo na interlocução.

Entre as práticas discursivas em que essa dimensão pode ser latente, destaca-se a *tradução e a interpretação interlíngua intermodal* que correspondem à translação de textos linguísticos de modalidades<sup>5</sup> diferentes: línguas vocais-auditivas, em que a recepção das informações é realizada pela audição e produzida pelo aparelho fonador, e línguas gesto-visuais,

<sup>5</sup> O termo modalidade, aqui, corresponde aos “[...] sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais [...] a fonética [de uma língua] se realiza” (McBURNEY, 2004, p. 351 *apud* RODRIGUES, 2018, p. 304).

em que a recepção é realizada pela visão e a produção, pelas mãos e corpo (QUADROS, 2006; RODRIGUES, 2013; 2018). Essa especificidade no processo tradutório possui efeitos diretos na atuação de tradutores e de intérpretes que trabalham com essas línguas porque a tradução, além de ser interlíngua de caráter intermodal (SEGALA, 2010), pode ser também intersemiótica por promover transformação das visualidades extralinguísticas constitutivas de alguns textos fontes, sobretudo os que possuem características verbo-visuais.

Nesse sentido, na mobilização da língua de sinais em um processo tradutório, a imagem não constitui apenas dimensão secundária para compor o sentido do enunciado verbal, mas também pode ser absorvida pela dimensão verbal dessa língua justamente por ser toda gestual e visual (NASCIMENTO, 2017). Como prática discursiva que mobiliza enunciados intermodais a partir de gêneros discursivos diversos, o processo tradutório que envolve línguas de sinais demanda análise apurada de aspectos visuais do texto fonte, fator que difere um pouco de processos tradutórios intramodais vocais<sup>6</sup>. Enquanto a tradução intramodal entre línguas vocais-auditivas se preocupa com a dimensão verbal e dá à dimensão visual extralinguística um caráter mais descritivo, a tradução intermodal *traduz* intersemioticamente essa visualidade pelas características materiais da língua de sinais. No caso de traduções intermodais, o texto fonte pode envolver uma espécie de verbo-visualidade, pedindo ao tradutor uma observação aprofundada dos aspectos extraverbais que, na feitura da tradução, podem ser transformados em verbais. Esse fenômeno ocorre porque

<sup>6</sup> Destacamos, nesse caso, as de modalidade oral-auditiva porque, com a ocasião do uso da internet do intercâmbio entre as diferentes comunidades surdas mundiais, traduções (e interpretações) monomodais/intramodais entre línguas de sinais têm acontecido com frequência. Pode-se traduzir (e interpretar), por exemplo, um texto produzido em *American Sign Language* (ASL – Língua Americana de Sinais) para Libras.

o verbal também é visual, tal como a linguagem escrita é. No entanto, a visualidade da língua de sinais possui sua especificidade por ser, além do visual, gestual. Na produção verbal, portanto, em um ato de interpretação [tradução], há grandes riscos de existir concorrência, do ponto de vista do todo do enunciado, entre esse verbal-visual com o visual constituinte dos elementos extralinguísticos. Eis então a necessidade de abordar a [tradução e a] interpretação da língua de sinais a partir da *totalidade verbo-visual do enunciado concreto* para que os efeitos de sentido do discurso fonte alcancem o interlocutor por meio do processo de interpretação [e de tradução] (NASCIMENTO, 2014, p. 220).

As esferas que possuem diferentes mídias audiovisuais como suportes de circulação de seus enunciados apresentam esses aspectos e demandam dos tradutores um cauteloso movimento de análise de toda a materialidade envolvida no discurso fonte.

O questionário bilíngue aqui proposto constitui-se de um gênero discursivo secundário, que mobiliza a dimensão verbo-visual da linguagem a partir da tradução intermodal. A proposta é constituída da tradução intermodal por envolver, especificamente, línguas de diferentes modalidades, com textos apresentados em plataformas distintas (escrita e vídeo) e gêneros na modalidade oral que são traduzidos para a língua de sinais e alocados em espaços delimitados denominados *janelas de Libras*.

### O questionário bilíngue

A elaboração do questionário foi realizada por uma equipe composta pelo pesquisador responsável, por um professor/tradutor surdo, dois tradutores e intérpretes ouvintes e por um técnico de audiovisual. A versão final do instrumento constitui-se de quatro unidades: (i) *apresentação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)*, no qual o respondente pôde compreender os detalhes da pesquisa e aceitar ou não participar; (ii) *dados pessoais*, em que foi possível inserir informações e dados pessoais, como nome, idade, sexo, estado e escolaridade; (iii) *perfil sociolinguístico*, em que o participante pode dizer se é ou não usuário de Libras e/ou da língua portuguesa, sobre os tipos de escola em que estudou (inclusiva, especial ou bilíngue), se costuma assistir a produções audiovisuais e quais são os seus tipos preferidos; e (iv) *questões sobre as janelas*, que apresentam as perguntas e opções sobre as diferentes propostas de janelas.

A construção do questionário envolveu três fases: (i) discussão do formato e das perguntas; (ii) tradução para a Libras; e (iii) validação por avaliadores surdos. Na primeira fase, discutiu-se a forma de apresentação do questionário, os elementos visuais e verbo-visuais que o comporiam (o *design*) e a exposição das questões e das alternativas, levando em consideração dois parâmetros: as limitações da plataforma e os aspectos da modalidade das línguas envolvidas.

O *design* geral e a apresentação obedeceram à proposta imposta pelo *Google Forms*, que permite a elaboração da pesquisa de forma vertical, ou seja, é preciso que o respondente desça a barra de rolagem da página do navegador para visualizar as questões e as alternativas. Seguindo essa lógica, optou-se pela apresentação de um cabeçalho com os logotipos oficiais da instituição da pesquisa, do laboratório, do curso e da agência de fomento, que permaneceram fixos em todas as páginas seguidos do título completo da pesquisa, do texto em português e dos vídeos em Libras. Neste último aspecto, os vídeos apareceram em segundo lugar apenas nas duas primeiras páginas, já que plataforma, não permitiu a inserção de um vídeo antes de um texto em português. Por essa razão, o texto inicial e a apresentação do TCLE foram exibidos em português, e o vídeo com a tradução para a Libras apareceu na sequência.



**Figura 1:** Design da apresentação do questionário e imagem da primeira página da versão final do questionário

Em relação às perguntas e respostas, a primeira proposta de questionário permitiu que os respondentes escolhessem apenas uma opção de janela dentre cinco para cada gênero avaliado. O questionário apresentou perguntas para tamanho

e textura produzidos em diferentes formas de janelas e repetiu essas perguntas para cada um dos três gêneros escolhidos, aumentando, consideravelmente, o número de alternativas. Além disso, ao mostrar diferentes formatos de tamanho e textura, o instrumento induzira a resposta, uma vez que, ao optar, por exemplo, por um fundo translúcido, o respondente escolheria, também, por um formato específico, visto que esse fundo precisava ser apresentado em alguma forma. Essa opção anulava a resposta anterior sobre qual seria o melhor formato de janela caso o respondente optasse por uma forma diferente da que havia sido escolhida. Essa dinâmica demandou um questionário extremamente complexo porque foi possível considerar todas as possibilidades de formato de janela para a apresentação de um fundo translúcido. Esse modelo tornou, portanto, o instrumento cansativo ao respondente, visto que, conforme afirma Gonçalves (2008), o tempo que uma pessoa utiliza para responder um questionário pode influenciar diretamente a taxa e, também, a veracidade das respostas.

Diante do impasse, optou-se pela apresentação da pergunta com cinco janelas para cada gênero, mesmo que essas fossem diferentes entre si nos três aspectos, pois parte das combinações entre tamanho, forma e textura englobava as especificações ou padrões utilizados atualmente no mercado audiovisual de acessibilidade e nas propostas oficiais, como na NBR 15.290/05 (ABNT, 2005) e no *Guia* publicado pelo Ministério das Comunicações (NAVES et al., 2016). Nessa reformulação da proposta, o respondente deveria escolher, apenas, uma das janelas apresentadas no questionário, o que, de certa forma, proporcionou a perda de informações sobre qual seria uma segunda melhor opção de janela por parte dos respondentes. Por essa razão, decidiu-se, novamente, por um novo modelo na forma de apresentação da avaliação e coleta das respostas: em vez de o participante optar por apenas uma alternativa das cinco possíveis, ele poderia realizar uma avaliação escalonada das propostas de janelas para cada gênero, oferecendo notas de 1 a 5 em que 1 correspondia a “muito ruim” e 5, a “excelente”. Esse foi o formato escolhido porque contribuiu para uma avaliação mais apurada sobre as preferências das janelas perante as múltiplas opções e não apenas sobre a exclusividade da opção selecionada.

Finalizada a proposta de apresentação do questionário e o formato das perguntas e respostas, iniciou-se a segunda fase: a tradução do conteúdo para a Libras. O processo de tradução envolveu toda a equipe que discutiu e desenhou uma proposta tradutória, levando em consideração elementos linguístico-culturais das línguas envolvidas, a estrutura da plataforma de circulação do questionário e a dimensão verbo-visual constitutiva utilizada na elaboração das perguntas e das respostas. O conteúdo das unidades I, III e IV foram traduzidos integralmente para a Libras. A unidade II, entretanto, sobre informações pessoais básicas, como nome, idade, estado e escolaridade, não foi traduzida por considerarmos, após sugestão do tradutor surdo da equipe, que esses itens lexicais em língua portuguesa são facilmente reconhecidos pelos surdos devido à participação deles em uma sociedade que cobra essas informações em segunda língua.

A segunda fase de elaboração do questionário também aconteceu por etapas. Primeiro, traduziu-se a unidade I do questionário, que é composta pelo título da pesquisa e um convite explicativo construído em primeira pessoa, a fim de aproximar os respondentes da pesquisa. Nessa unidade, após a leitura dos textos em Libras e português, o participante devia confirmar sua participação inserindo seu *e-mail* e clicando na expressão “sou surdo(a) e desejo prosseguir”. Na sequência, o respondente encontraria o TCLE, documento aprovado pelo Comitê de Ética da universidade, que confirma efetivamente a participação na pesquisa. Todo o conteúdo foi traduzido para a Libras pelo pesquisador, fluente em Libras. A opção de manter o responsável pela pesquisa na tradução das duas primeiras páginas do questionário se deu porque o TCLE em língua portuguesa foi produzido, conforme preconiza as normativas vigentes da instituição, com linguagem simplificada, em primeira pessoa e com os dados do pesquisador para contato do participante, caso queira mais informações ou desistir da participação. Caso a pesquisa fosse realizada presencialmente, seria entregue ao respondente pelo próprio pesquisador. Por isso, decidiu-se seguir a proposta e o tom do termo, dando visibilidade aos participantes sobre o responsável pela pesquisa. A confirmação ou não da participação no estudo pelo respondente se deu pelo clique em um dos *check box* denominados “aceito participar da pesquisa”, que conduziria o respondente aos passos seguintes, ou “não

aceito participar da pesquisa”, que conduziria o respondente à última página do questionário, a qual contém um agradecimento pela participação.

A tradução dos conteúdos da unidade III, *perfil sociolinguístico*, foi realizada por uma tradutora ouvinte. No vídeo em Libras, o respondente surdo pôde encontrar a tradução da pergunta e a apresentação das respostas com os mesmos elementos gráficos de indicação que estavam presentes no enunciado em português. Dessa forma, buscou-se manter uma lógica interna de apresentação dos enunciados, mas adaptando, linguisticamente, essa apresentação à realidade material da língua-alvo, assim como é proposto em estudos que investigam a adaptação e tradução de questionários utilizados em pesquisas científicas (WEEKS; SWERISSEN; BELFRAGE, 2007; HILTON; SKRUTKOWSKI, 2002; DELIZA; ROSENTHAL; COSTA, 2003). No quadro abaixo, é possível visualizar um trecho da apresentação da unidade III:



**Figura 2:** apresentação das perguntas da unidade III do questionário

A tradução da unidade IV seguiu uma estrutura um pouco diferente das anteriores porque buscou obedecer a uma estrutura lógica de apresentação do enunciado, com a exposição das opções das janelas em vídeo e com a orientação para as respostas e alternativas. Em um primeiro momento, pensou-se na apresentação de um vídeo único com o enunciado da pergunta, a orientação para a resposta das questões e as alternativas. Todavia, considerando que a Libras é uma língua cuja estrutura da sentença é majoritariamente tópico-comentário (QUADROS; KARNOPP, 2004; DIAS, 2015), ou seja, é preciso que se visualize



primeiro o objeto da sentença (tópico) para que, na sequência, haja a ação/comportamento do sujeito (comentário), o tradutor surdo da equipe sugeriu que essa unidade fosse dividida da seguinte forma: 1) vídeo 1: enunciado que contextualizasse o que o respondente encontraria naquele espaço; 2) vídeo 2: apresentação das alternativas com os cinco diferentes tipos de janelas; 3) vídeo 3: enunciado explicativo em Libras sobre como deveria ser avaliada cada proposta de janela assistida no vídeo anterior; 4) fotos de cada uma das opções apresentadas no vídeo 2 com a escala de avaliação de 1 a 5 abaixo das imagens. Dessa forma, do ponto de vista discursivo, o respondente poderia visualizar cada vídeo orientacional quantas vezes preferisse, além de poder, também, rever a apresentação dos vídeos com as janelas, tal como exemplificado no esquema abaixo:



**Figura 3:** apresentação das perguntas da unidade IV do questionário

Os vídeos utilizados na unidade IV para a produção das janelas foram escolhidos levando em consideração cada gênero a ser avaliado. As propostas de janelas a serem analisadas nas opções de cada pergunta pelos respondentes buscaram manter quatro opções padrão para cada gênero e uma opção exclusiva que estivesse atrelada à esfera de produção avaliada, partindo do pressuposto de que essa quinta proposta já circulou no mercado audiovisual. Para a escolha da quinta proposta de janela, foi realizada uma ampla pesquisa em bancos de vídeo da *internet*, a fim de identificar a maior recorrência em cada gênero. As quatro propostas de janelas padrão foram: (a) janela com fundo branco (variação da ABNT/NBR 15.290/05); (b) janela translúcida (variação da ABNT/NBR 15.290/05); (c) sem janela (com tamanho proposto pela ABNT/NBR 15.290/05) e (d) janela deslocada para o canto inferior PIP (proposta do *Guia do Ministério das Comunicações*).

A quinta opção de janela variou de acordo com cada gênero. No cinematográfico, adotou-se a proposta da produtora “Filmes que Voam”<sup>7</sup>, que apresenta múltiplos tradutores em tela para cada personagem da produção audiovisual. No gênero videoaula, a quinta opção oferecia escolha de uma janela maior, que ocupa metade da tela do vídeo, considerando que, por ser uma videoaula, cuja produção discursiva pelo enunciador está direcionada para a câmera, o tamanho do tradutor na janela contribui para a melhor aquisição dos conteúdos. Essa proposta baseou-se no modelo do Itaú Cultural<sup>8</sup>. Além disso, após a pesquisa nas plataformas de vídeos, percebeu-se que essa tem sido uma proposta adotada por instituições de ensino que possuem cursos voltados à formação de profissionais para atuar com surdos. E, por fim, no gênero jornalístico-televisivo, apresentou-se uma forma redonda da janela com fundo branco chapado no mesmo tamanho da NBR 15.290/05. Essa proposta, por sua vez, foi utilizada em vídeos institucionais de propaganda eleitoral do Tribunal Superior Eleitoral nas eleições de 2018.

Os vídeos utilizados como balizadores para a produção das traduções e das janelas foram retirados de diferentes fontes. No gênero cinematográfico, o vídeo traduzido e com a inserção das janelas foi o curta-metragem produzido pelos estudantes do curso de graduação em Imagem e Som do Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar intitulado *O Sofá*. O uso foi autorizado pela equipe responsável pela produção. No

<sup>7</sup> Mais informações no link: <https://www.filmesquevoam.com.br/filmes/libras-filmes-e-trailers/>

<sup>8</sup> Mais informações no link: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLaV4cVMp\\_oDwQX2dIhrj8mETSnP31yJMw](https://www.youtube.com/playlist?list=PLaV4cVMp_oDwQX2dIhrj8mETSnP31yJMw)

gênero videoaula, utilizou-se uma que foi produzida para a disciplina de *Gerenciamento de Projetos* do curso de Engenharia Ambiental da UFSCar e captada, editada e disponibilizada pela Secretaria Geral de Educação a Distância (SEaD/UFSCar). O uso do vídeo foi autorizado pela SEaD e pelo professor. E no gênero jornalístico, foi utilizada a cabeça de uma edição do telejornal *Repórter Brasil* da emissora TV Brasil, que pertence à emissora pública EBC. Retirou-se o som de todos os vídeos, deixando, apenas, a imagem e a tradução para a Libras.

A última fase da elaboração do instrumento foi a validação por surdos usuários de Libras. O questionário foi enviado para três pessoas surdas que possuem pós-graduação: duas com doutorado completo e uma com doutorado em andamento. Os surdos responderam o questionário e depois enviaram *feedbacks*. Dois dos validadores não apresentaram sugestão de mudança no questionário. Uma das validadoras sugeriu que a linguagem no TCLE fosse menos formal. Todavia, considerando que havia dois vídeos diferentes para a introdução ao questionário – um com um texto mais pessoal em primeira pessoa (apresentação) e outro mais detalhado (TCLE), porque obedecia às normativas do Comitê de Ética, a equipe de tradução considerou manter os vídeos previamente utilizados. Uma simulação de resposta do questionário pode ser observada no link: <https://www.youtube.com/watch?v=eV35JZnWiaA>

### Considerações finais

A elaboração do questionário mobilizou diferentes dimensões tradutórias. Se observarmos as tipologias tradutórias de Jakobson (2010), por exemplo, serão identificados dois dos três tipos de tradução por ele indicados: tradução interlingual, realizada entre a língua portuguesa e a Libras, e tradução intersemiótica, porque todo o processo mobilizou textos de diferentes materialidades verbais, visuais e verbo-visuais para compor o instrumento como um gênero discursivo secundário que permite a coleta de dados na pesquisa em tela. Entretanto, destaca-se que a presença marcante da língua de sinais, como língua de modalidade distinta do português escrito nesse questionário, alterou significativamente o processo de tradução justamente pelo fato de as línguas não serem equivalentes entre si, mas correspondentes entre formas de

criação de sentidos (SOBRAL, 2008). Desse modo, o processo de elaboração e tradução desse questionário mobilizou diferentes materialidades, dimensões e linguagens para promover a instauração do surdo na condição de interlocutor qualificado para avaliar as melhores formas de circulação da tradução de sua língua nas chamadas “janelas”.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à FAPESP pelo financiamento concedido para a realização desta pesquisa, aos tradutores e intérpretes Anderson Marques da Silva e Joyce Cristina de Souza do Setor de Tradução e Interpretação da Língua de Sinais da Universidade Federal de São Carlos (SETILS/UFSCar) que atuaram na equipe de tradução do questionário e à Coordenação do Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa da UFSCar por todo apoio e suporte.

### **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, V. L. S.; ALVES, S. F. Tradução Audiovisual Acessível (tava): audiodescrição, janela de Libras e legendagem para surdos e ensurdecidos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, V. 56, n.2, p. 305-315 mai./ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138650164304021>

ALBRES, N. A. Tradução em língua brasileira de sinais de texto informativo televisivo: reflexões sobre o processo. *Domínios de Linguagem*, v. 7, n. 1, p. 131-150, 2010.

ANCINE. Instrução Normativa N. 128, de 13 de setembro de 2016. *Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade visual e auditiva a serem observados nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica*. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normativa-n-128-de-13-de-setembro-de-2016> Acesso em: 10 dez. 2017.

ABNT. NBR 15.290 – Acessibilidade em comunicação na televisão. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2005. Disponível em: <http://www.crea-sc.org.br/portal/arquivosSGC/NBR%2015290.pdf> Acesso em: 10 dez. 2017.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2013.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, V. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732013000200004> Acesso em: 10 abril 2014.

\_\_\_\_\_. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Perspectiva dialógica, atividades discursivas, atividades humanas. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Org.) *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

BRASIL. Estatuto da pessoa com deficiência. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/513623/001042393.pdf?sequence=1> Acesso em: 10 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Saúde. Resolução N. 510, de 07 de abril de 2016. Ministério da Saúde, Brasília: 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em: 18 out. 2019.

CARDOSO, E.; NOGUEIRA, T.; ZARDO, K. Investigando diferentes formatos para a tradução audiovisual em língua brasileira de sinais: uma pesquisa de preferências. In: V Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural, 2017, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: UFRGS, 2017, s/p. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/comacesso/wp-content/uploads/2019/01/Resumo-ENAC-INVESTIGANDO.pdf> Acesso em: 12 dez. 2017.

DELIZA, R.; ROSENTHAL, A.; COSTA, M. C. Tradução e validação para a língua portuguesa de questionário utilizado em estudos do consumidor. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, Campinas, V. 23, n. 1, p. 43-48, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-20612003000100010> Acesso em: 01 fev. 2019.

DIAS, A. F. A. *A construção de tópico na língua de sinais brasileira: uma abordagem psicolinguística*. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, D. I. F. Pesquisas de *marketing* pela internet: as percepções sob a ótica dos entrevistados. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, v 9, n. 7, p. 70-88, nov/dez, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712008000700004> Acesso em: 01 fev. 2019.

HILTON, A.; SKRUTKOWSKI, M. Translating instruments into other languages: development and testing processes. *Cancer Nursing* .Philadelphia, v. 25, n. 1, p. 1-7, fev. 2002. Disponível em: <https://journals.lww.com/cancernursingonline/pages/articleviewer.aspx?year=2002&issue=02000&article=00001&type=abstract> Acesso em: 09 fev. 2019.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, PUC-SP, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 21, p. 105-132, Dossiê: Tradução & Transformação Social, 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740> Acesso em: 17 out. 2019.

NASCIMENTO, V. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 461-492, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138649203273941>. Acesso em: 10 fev. 2019.

NASCIMENTO, V. Gêneros do discurso e verbo-visualidade: dimensões da linguagem para a formação de tradutores/ intérpretes de Libras/Português. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S (Org.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVEZ, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (Org.). *Guia para produções audiovisuais acessíveis*. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NOVAES, H. K. *Janela de Libras: a avaliação de surdos, ouvintes que sabem e não sabem Libras*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Tradução e Interpretação de Libras/Português). Instituto Superior de Educação de São Paulo – Singularidades, São Paulo, 2018.

QUADROS, R. M. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, p. 168-178, 2006.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, C. H. *A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

\_\_\_\_\_. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 44, p. 111-129, Florianópolis, Jan./Abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146> Acesso em: 18 out. 2019.

SEGALA, R. R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais*. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, K. F. B. *Tradução audiovisual da língua de sinais: aspectos emocionais, formação e condição de trabalho*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Letras Libras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOBRAL, A. *Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: SBS, 2008.

SPOLIDORIO, S. MAPEando a tradução audiovisual acessível no Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 313-345, mai/ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v56n2/2175-764X-tla-56-02-00313.pdf> Acesso em: 12 fev. 2019.

TORRES, E. F.; MAZZONI, A. A. O direito de acesso à televisão nos meios televisivos: onde está a inclusão? Brasília: Inclusão Social. v. 2, n. 1, p. 73-82, out. 2006/mar. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1592/1799> Acesso em: 12 fev. 2019.

UFSCar. RESOLUÇÃO CoPq nº 001 de 18 de agosto de 2015. Dispõe sobre o Regimento Interno do Comitê de ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. São Carlos: Pró-reitoria de pesquisa. São Carlos, 2015. Disponível em: <http://www.propq.ufscar.br/etica/regimento-cep> Acesso em 18 out. 2019.

VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WEEKS, A.; SWERISSEN, H.; E BELFRAGE, J. Issues, challenges, and Solutions in translation study instruments. *Evaluation Review*, v. 31. n. 2, p. 153-165, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0193841X06294184> Acesso em: 12 fev. 2019.



## **Abstract**

### **Translation and research: the use of a bilingual questionnaire to map usability and preferences of sign-language screen insets among the deaf community**

*This article discusses the process of drafting, translating and validating a bilingual questionnaire for evaluating the preferences and usability of sign-language screen insets among the deaf in Brazil. The questionnaire was prepared and translated by a team using translation and AV-editing techniques theoretically and methodologically based on Bakhtinian verbal-visuality and intermodal translation and interpretation. Once drafted, the questionnaire was submitted to deaf Brazilian Sign Language (Libras) speakers, and the final version was disseminated throughout Brazil in social networks, e-mail lists and online groups with significant deaf participation.*

**Keywords:** *audiovisual translation, Brazilian Sign Language, Libras, bilingual questionnaire, mapping, accessibility.*